

Porvires não humanos do cinema no lugar-escola de educação infantil: entre relatos, imagens e dispositivos de criação

Non-human comings of cinema in place-school of early childhood education: among stories, images and imaging devices

Porvires no humanos del cine en el lugar-escuela de educación infantil: entre relatos, imágenes y dispositivos de creación

WENCESLAO MACHADO DE OLIVEIRA JUNIOR¹

GABRIELA FIORIN RIGOTTI²

RESUMO: O artigo traz uma pesquisa sobre cinema em duas escolas de Educação Infantil em que se cruzam, como método, o acompanhamento da rotina escolar e a proposição de cinemas possíveis; a experimentação de dispositivos de criação de imagens; e o estudo do conceito de desemparamento da infância em reuniões pedagógicas. Enquanto formação em exercício, busca-se intensificar através do cinema as interações entre vidas humanas e não humanas como forças de criação que vivificam escola, cinema e infância.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Educação Infantil; vidas humanas e não humanas.

ABSTRACT: This article presents a research on cinema in two Early Childhood Education schools in which, as a method, the monitoring of the school routine and the proposition of other possible cinemas: experimentation with imaging devices and study of the concept of untethering childhood in pedagogical meetings. As in-service training, the aim is to intensify through cinema the interactions between human and non-human lives as creative forces that enliven school, cinema and childhood.

KEYWORDS: Cinema; Early Childhood Education; human and non-human lives.

1. Universidade Estadual de Campinas/SP.

2. Faculdade de Educação, FE/Unicamp e Secretaria Municipal de Educação, SME/Campinas.

Porvires não humanos do cinema no lugar-escola de educação infantil: entre...

RESUMEN: Este artículo sigue una investigación sobre el cine en dos escuelas de Educación Infantil en que se cruzan, como método, el seguimiento de la rutina escolar y la propuesta de otros cines posibles; experimentación con dispositivos de creación de imágenes; y el estudio del concepto de “desemparedamiento” de la infancia en encuentros pedagógicos. Como formación continua, el objetivo es intensificar a través del cine las interacciones entre vidas humanas y no humanas como fuerzas de creación que animan escuela, cine e infancia.

PALABRAS CLAVE: Cine; Educación Infantil; vidas humanas y no humanas.

COMEÇOS: UM PROJETO DE PESQUISA E(M) DUAS ESCOLAS INFANTIS

fui acolhido na própria sala por olhares atentos das crianças, bem como gentilezas e brincadeiras das educadoras. a professora gi, as três monitoras em “s” e a luciana.

entre sorrisos e choros, gêmeos e proximidades e desconfianças, colos e brinquedos, fui me aconchegando entre as crianças – de dez meses a pouco mais de dois anos – e notava desde a semelhança dos gêmeos até a diversidade de peles, tamanhos, cabelos e jeitinhos.

no momento de saída para a hora do almoço, com um sorriso no rosto, uma das monitoras me colocou uma criança no colo. isto ficou em mim como um gesto de acolhimento, como uma generosa maneira de dizer que eu era uma delas, uma das pessoas adultas em meio àquelas criaturinhas. ao mesmo tempo uma garotinha me estendeu a mão para irmos caminhando até o refeitório.

parece que crianças e adultos desta turma se comunicam mais com gestos e expressões no rosto que com palavras. isto já é matéria-prima de cinema!

perguntas para um cinema porvir:

onde colocar a câmera para captar a movimentação na sala? ao rés do chão na porta de entrada? ou na quina da parede onde termina a bancada da entrada? assim captaríamos o movimento e os ritmos sem identificar as crianças: pés, sapatos, meias, passinhos, passões, paradas...

a experiência vivida por mim na hora do almoço, de acompanhar uma criança que se nega a comer qualquer coisa, inclusive de maneira um tanto “violenta” (empurrando o prato, tampando a boca com as duas mãos), me levou a pensar em como tornar cinema uma situação assim, uma vez que a filmagem direta seria constrangedora para a criança. pensei que poderíamos encenar com outras crianças alguns destes gestos, tornando ficção aquilo que emergiu no cotidiano da escola.

se na hora do almoço são os vegetais nossos principais parceiros, pois é com eles que fazemos nossas mais importantes alianças na alimentação, onde estariam os vegetais aqui nesta sala?

nos móveis, no chão, nas paredes, nos lençóis? nas estampas das roupas? e nas próprias roupas, com os materiais de que são feitas? no frescor da sala protegida pela sombra das árvores? ao ver as mais diversas e inusitadas posições em que as crianças dormiam, comecei a pensar em como filmar cada uma destas posições, de modo a aproveitar essa diversidade de posições e corpos para produzir uma diversidade de filmagens. e pensei também em compor um pequeno filme com silêncios, ruídos e músicas. mas quais músicas e quais ruídos? ruídos de respiração? de chuva caindo? alguém cantando alguma música de ninar? ou outro tipo de música? ou escolher uma música e gravar as crianças da turma cantando baixinho?
(relato de 07 de março de 2023)

Escritos como este são realizados todas as semanas pelo pesquisador da universidade e autor deste artigo, somente em letras minúsculas, e enviados a todas as educadoras³ que aceitaram fazer parte da pesquisa *Cartografia dos afetos cinematográficos no lugar-escola de educação infantil – entre o humano e o não humano, entre o registro e a arte*⁴, a qual teve início em março de 2023 em quatro turmas de crianças com idades entre dez meses e dois anos e seis meses em duas escolas públicas⁵ que ficam em meio ao urbano da cidade de Campinas-SP.

Um dos amparos desta pesquisa se faz na proposição e no acompanhamento de experiências com cinema nestas quatro turmas de educação infantil, buscando assim cartografar as linhas intensivas gestadas nas escolas quando o cinema é experimentado como uma outra forma de reparar no entorno, atuando tanto como formação continuada de educadoras quanto como processo de criação cinematográfica em contexto escolar.

A pesquisa se insere no *Programa Cinema e Educação: a experiência do cinema na educação básica municipal*⁶, já em funcionamento na Rede Municipal de Educação de Campinas desde 2016, e envolve 4 professoras, 24 monitoras, 1 coordenadora pedagógica e cerca de 80 crianças, levando toda a comunidade escolar a entrar em devir cinema. No horizonte, a criação de um cineclubes escolar em que se possa experimentar o cinema de outros modos, mais sintonizados com as experiências corporais das crianças pequenas.

3. Através de grupo criado em aplicativo de mensagens instantâneas.

4. Esta pesquisa tem o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (2021/11398-1) e integra a Rede Internacional de Pesquisa “Imagens, Geografias e Educação” - <https://www.geoimagens.net/>.

5. Centro de Educação Infantil Bety Pierro e Centro de Educação Infantil Benjamin Constant.

6. Ver em <https://educa.campinas.sp.gov.br/programa/programa-cinema-educacao>.

O que se propõe a esta comunidade de cinema (GUIMARÃES, 2015) é mais do que filmar, seja este gesto, ao mesmo tempo cinematográfico e cotidiano, entendido como registro, como arte criativa ou como ambos em mistura. Mais do que filmar, propõe-se que o cinema promova outros tipos de encontros e experiências⁷ entre todas as formas de vida que compõem o lugar-escola, entendido, a partir da geógrafa Doreen Massey (2008), como o encontro aberto entre uma constelação singular de trajetórias heterogêneas humanas e não humanas.



Mosaico com fotos e fotogramas de filmagens realizadas espontaneamente nas escolas ao longo do ano de 2023 e partilhadas com as/os demais participantes da pesquisa
FONTE: Grupo em aplicativo de mensagens Cinema Bety Benjamin

Crianças pequenas são especialmente curiosas para aquilo que encontram por acaso naquilo a que chamamos de natureza, aquilo que podemos chamar de vidas

7. Tendo em vista que um certo tipo de cinema já se fazia presente nestas escolas antes mesmo da pesquisa se iniciar, uma vez que a produção de imagens já era um hábito de muitas das educadoras, para que um novo tipo de cinema venha a promover estes outros encontros e experiências nos utilizamos da “pedagogia dos dispositivos” (MILGIORIN et al., 2014; MIGLIORIN, 2015; FÓRUM NICARÁGUA, 2021), da qual falaremos mais adiante neste artigo.

não humanas⁸. Para elas, encontrar um bichinho ou um graveto não é encontrar um bichinho ou um graveto qualquer, mas aquele bichinho ou aquele graveto, pois ele está naquele lugar, sobre a areia ou a grama, estabelecem relações singulares com seu entorno e, justamente por isto, têm manchinhas daquelas cores e texturas específicas. Ou seja, eles não se repetem em nenhum outro bichinho ou graveto: todo encontro com um bichinho ou um graveto é um encontro singular. E crianças pequenas são especialmente curiosas para a singularidade que os encontros ocasionais colocam diante delas. Talvez por isso elas reparem no seu entorno com muito mais atenção que nós, adultos, que tendemos a generalizar os encontros como sendo mais um entre muitos encontros com bichinhos e gravetos, estejam eles sobre a areia ou a grama.

O cinema seria como uma criança? Nos parece que sim. Estar com uma câmera ou um microfone na mão é estar mais atento ao inusitado do entorno, aos detalhes que cada lugar oferece a quem repara nele.

DESCOMEÇOS: DUAS ESCOLAS INFANTIS E (M) UM PROJETO DE PESQUISA

O cinema chega como um convite a desembutecer as práticas pedagógicas da Educação Infantil que, em suas rotinas, dividem-se entre o educar – muitas vezes compreendido como aprendizagem prévia para fases subsequentes da escolarização, em especial o alfabetizar – e o cuidar da criança pequena, atribuindo significado ao que ali comumente acontece e, ao mesmo tempo, abrindo espaços e tempos para que outras vivências se façam possíveis para além das paredes das salas de aula (BARROS, 2018; VALERIO; SILVA, 2021).

O convite feito por este modo de fazer cinema na escola implica em trabalhar com a formação de educadoras em exercício como atividade criadora e não como capacitação para se fazer cinema, buscando subverter a lógica mercantilista do trabalho e dar novo sentido ao fazer docente a partir de sua humanização e do olhar sensível ao cotidiano escolar e suas práticas. Isso porque, como trabalhadoras – e dizemos no feminino porque são mulheres em sua ampla maioria – as educadoras sofrem em seus corpos os reflexos da agilização necessária ao mundo contemporâneo do trabalho (DUARTE JR, 2000) e da histórica desvalorização de seus afazeres,

8. No primeiro ano da pesquisa, estivemos mais atentos às vidas vegetais, às árvores e demais plantas que povoam as duas escolas e que estabelecem inúmeras alianças com as crianças e muitas outras formas de vida.

tomados tanto mais como cuidados simples que tangenciariam apenas a saúde e o bem-estar quanto menores são as crianças das turmas em que trabalham.

Em sintonia a esta ampliação da visão de Educação Infantil, as duas escolas escolheram, como temática anual, o desemparedamento da infância (VALERIO; SILVA, 2021; BARROS, 2018), proporcionando às próprias educadoras e às crianças contextos brincantes nas áreas externas, em um processo pautado na escuta sensível da escola em seus diferentes espaços e tempos. Numa sintonia complementar a esta, nossa prática com esta pesquisa pretende, sobretudo, produzir através do cinema um outro tipo de atenção para as vidas não humanas que compõem o lugar-entorno (MASSEY, 2008; DELIGNY, 2015) através da invenção e experimentação de “dispositivos de criação de imagens”⁹ (MIGLIORIN *et al.*, 2014; MIGLIORIN, 2015), pretendendo cartografar as forças das vidas não humanas, entendidas como potências que cintilam no cotidiano como impulso de criação de um cinema que prolifera e vivifica a escola, a própria infância e o próprio cinema.

(...)

um grupo de crianças seguia com suas brincadeiras mais para dentro do pátio (próximas da porta da sala) e outro grupo tinha ido ver as galinhas de perto. uma das meninas voltou com uma grande folha seca, encontrada por lá, e foi me mostrar. resolvi tirar uma foto da folha. mas quando a garotinha fez pose para a câmera, tirei várias fotos dela com a folha.



9. Grosso modo, um dispositivo de criação de imagem seria “a introdução de linhas ativadoras em um universo escolhido. Ele pressupõe duas linhas complementares: uma de extremo controle, regras, limites, recortes; e outra de absoluta abertura” (MIGLIORIN, 2015, p. 79). A complementariedade destes dois tipos de linhas ficará mais clara nos exemplos de alguns dos dispositivos que já realizamos na pesquisa e que traremos a este artigo.

ao me verem fotografando e mostrando as fotos para a menina fotografada, um grupo de três garotos muito amigos chegou correndo e pediu para que eu tirasse fotos deles também. e assim que nos preparamos para tirar a primeira foto a garotinha colocou a folha entre a câmera-celular e os rostos... e as fotos ficaram incríveis.



foi um jeito inusitado de estabelecer as conexões que temos buscado entre crianças, plantas e cinema. além disso, ainda não temos os termos de autorização de uso de imagem de dois destes três meninos, pois ainda não havia sido produzida nenhuma imagem com eles até então. tendo em vista a grande quantidade de crianças das quatro turmas, optamos por ir solicitando a assinatura dos termos na medida mesma que as crianças efetivamente participam das atividades de criação de imagens. as pessoas responsáveis pela garota bella já nos deram suas autorizações, por isso ela está visível neste relato.

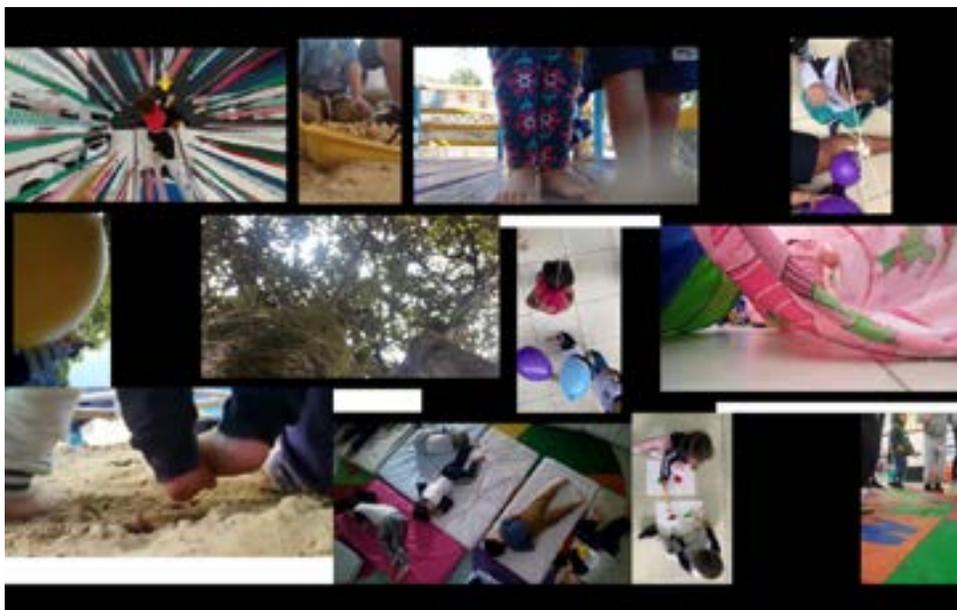
(...)

(fragmento do relato de 09 de março de 2023)

Até este momento, as imagens e sons foram produzidos pelas próprias educadoras¹⁰, a partir de experimentações de dispositivos de criação de imagens¹¹, de apontamentos escritos sobre as potências de cinema enxergadas pelo pesquisador no cotidiano das turmas e também em formações conduzidas pela coordenadora pedagógica, pesquisadora e autora deste artigo, nos horários de Trabalho Docente Compartilhado-TDCs e em Horários de Formação para Agentes e Monitores-HFAMs. A articulação destas três maneiras de uma escola se aproximar do cinema – em imagens, palavras escritas e reuniões coletivas –, configuram nosso movimento inicial de promover formas diversas de prestar atenção ao cotidiano escolar através de modos de filmar (dispositivos!) inventados ali e que têm a potência de produzir imagens que não podemos antecipar, “deixando uma ampla margem de surpresa para o momento em que assistimos o que foi realizado pelas câmeras” (OLIVEIRA JR *et al.*, 2022, p. 19).

Parte da metodologia cartográfica (ESCÓSSIA; KASTRUP; PASSOS, 2015; COSTA, 2014; GIRARDI, 2020), se faz, portanto, no acompanhamento semanal de algumas atividades da rotina de cada turma e nos tempos e espaços de formação coletiva das educadoras que ocorrem no interior das escolas.

10. Neste primeiro ano as filmagens foram realizadas com os celulares das próprias educadoras, mas serão adquiridos celulares para serem utilizados somente na pesquisa, bem como outros equipamentos, entre eles alguns projetores portáteis que permitam às crianças e educadoras projetar as filmagens realizadas em outros tipos de superfícies, tais como corpos humanos, troncos de árvores, chão de areia...
11. Estes são os links para as playlists com as primeiras filmagens, realizadas com o primeiro dispositivo: “filmar 30 segundos com a câmera fixa e paralela ao solo” – https://www.youtube.com/playlist?list=PLmsk-sYx9tcn6YUALpL_Qb-eMGUIYkXcz – e com o segundo dispositivo: “Passo 1. Sair para fora do prédio da escola, seja para os parques laterais, seja para a calçada, seja para uma praça próxima da escola (é importante que acima não haja teto, nem telhado); Passo 2. Fazer uma filmagem de 15 segundos a uma distância de 15 centímetros (ou menos) do que está sendo filmado” – https://www.youtube.com/playlist?list=PLmsk-sYx9tcn3FFRq_Hrn-9ZFop8vUBbA. Ver os mosaicos produzidos com fotogramas das filmagens realizadas com estes dispositivos. Apesar dos dispositivos de criação de imagens experimentados terem sido inventados na própria escola, considerando o desemparelhamento e as vidas não humanas, temos dois materiais que nos servem de guias e que serão estudados no decorrer da pesquisa: *Cadernos do Inventar* (MIGLIORIN *et al.*, 2014) e *Cadernos de dispositivos de cinema na Educação Infantil* (OLIVEIRA JR. *et al.*, 2022).



Mosaico com fotogramas de filmagens realizadas nas escolas a partir do primeiro dispositivo de criação de imagens – FONTE: Grupo em aplicativo de mensagens Cinema Bety Benjamin

Tendo em vista que esta pesquisa tem caráter extensionista – de formação de educadoras em exercício – o trabalho com cinema não se faz como capacitação para um modo já existente de fazer cinema, mas sim na proposição de perguntas e experimentações com imagens (e também sons) que podem vir a sensibilizar as educadoras para a produção de “filmagens e filmes” (AMARAL; GUARI; OLIVEIRA JR, 2021) que emergirão do cotidiano escolar, filmagens e filmes inventados a partir de suas próprias interações com as crianças e as demais formas de vida – humanas e não humanas – que compõem aqueles lugares-escola singulares e que logo serão re-olhados pelas educadoras ao serem assistidos e debatidos em seus processos de formação.

Conforme pode ser lido nos relatos trazidos a este artigo, todos os apontamentos desdobrados da presença do pesquisador nas turmas de crianças e retomados nos processos de formação continuada são atravessados por perguntas para um cinema porvir. Um cinema que emergja ali, naqueles dois lugares-escola singulares, nos quais buscamos tomar as alianças com as vidas não humanas como força de cinema, tomando a experiência do cinema nas escolas como agenciadora de

outros tipos de encontros e alianças. As imagens (e sons) que já fazemos e aquelas (e aqueles) que viermos a realizar estarão diretamente vinculadas à qualidade e à intensidade dos encontros e das alianças que produziremos ali. Desta forma, uma boa parte das perguntas, propostas e dispositivos de cinema que fazemos buscam apontar para gestos de cinema que nos levem – crianças e adultos – a uma atenção mais detida para as vidas não humanas que compõem a vida humana em qualquer lugar, de maneira a intensificar nossos encontros e alianças com estas outras formas de vida, sejam elas animais ou vegetais, visíveis ou invisíveis, minerais ou maquinicas, habituais ou aleatórias, anteriores ao cinema ou produzidas por ele e para ele.

Ao mesmo tempo em que o pesquisador convive com e pergunta para crianças e educadoras em tempos de 4 horas em cada turma e em diversos espaços escolares, a coordenadora pedagógica toma o fazer cinema como temática para a formação de educadoras, buscando abordar não apenas o filmar em si, mas trabalhando, entre textos e exercícios, a sensibilização do olhar (DUARTE JR, 2000), o desenrijecer dos corpos (ALMEIDA, 1985) e as práticas educativas em quintais brincantes (BARROS, 2022).

Por enquanto, somente as educadoras estão sendo afetadas mais diretamente pelo cinema, sendo convidadas a produzir suas imagens e sons. Nos muitos meses de pesquisa que se seguirão, caberá especialmente a elas encampar mais filmagens em espaços externos, dar potência de cinema para as imagens já produzidas pelas escolas enquanto simples registros e, principalmente, promover dispositivos de criação de imagens e sons a serem realizados pelas próprias crianças, tornando a ambos, adultos e crianças, participantes do conjunto de humanos com ideias capazes de restituir o sentido da vida e adiar o fim do mundo (KRENAK, 2019)!

naquele dia, após o café da manhã, a turma foi para o parque de areia. e já na chegada notei um garotinho com um ramo seco nas mãos, observando-o/experimentando-o com olhos e mãos, o que incluía quebrar os galhinhos mais finos que estavam grudados no galho mais grosso. quase ao final do “tempo de parque” (acho que uma hora) uma das monitoras me apontou que o mesmo garoto estava com outro pequeno galho nas mãos, só que agora era um galho verde que, provavelmente ele havia arrancado de alguma planta do parque. a mesma experimentação se dava... essa foi só uma das muitas experimentações/ descobertas/ sustos/ encantamentos que as crianças tiveram naquela uma hora de contato/encontro com as variadas vidas não humanas que povoam o parque. listo algumas que ainda estão na memória:

– a areia usada pelas crianças para fazer bolos e para jogar sobre coisas e pessoas, inclusive sobre si mesmas;

– a areia que é cavada para “entrar dentro” do buraco e sentar ali; o que atrai um corpo-criança a fazer isso? seria o formato, a temperatura, a umidade, a textura... tudo isso e mais um tanto de sensações que só aquele buraco de/na areia produz;

– a pequena aranha de tons vermelhos e marrons, encontrada por uma garotinha num dos muros laterais do parque; com um graveto na mão, ela a retirou do muro e soltou na areia quando a aranha quase tocou sua mão ao caminhar pelo graveto: um misto de alegria, medo e encantamento;

– os gravetos secos usados para desenhar/escrever num outro muro lateral do parque; um garoto “roubou” um desses gravetos de outro garoto que brincava com ele; com tantos outros gravetos no parque porque ele queria aquele graveto?

– a maria fedida que “apareceu” na calça de uma garotinha que caminhou até uma das profissionais e, chorando, disse: “um bicho”; a tranquilidade da profissional em dizer “ah, é só uma maria fedida” foi importante para conter o choro e atrair várias outras crianças para seu entorno, enquanto com um graveto tirava o inseto da calça e o colocava sobre a areia e folhas secas do chão; ao redor dela corpos se agitavam para ver e “provocar/experimentar” o “bicho” com folhas e gravetos, mas nenhuma das “provoações/experimentações” fez com que a maria fedida fedesse;

– ali, bem perto de onde a maria fedida foi colocada no chão, foram descobertas as muitas formigas que circulavam sobre areia, folhas e gravetos nas proximidades do muro, sumindo chão adentro; somente ouvi as conversas e perguntas relativas às formigas e notei que o “bolinho” de crianças ficou ali, ao redor das formigas, observando e falando por um bom tempo;

– a mesma maria fedida foi a personagem de um grupo de garotos que, com pás e outros objetos de plástico colorido, jogavam areia no pé de uma das plantas do parque para cobrir ou soltar o inseto (não entendi o que se passava quando me chamaram para ver a cena, talvez o uso das pás com areia dentro foi somente um jeito de carregar o inseto sem tocar nele até “despejá-lo” onde acreditavam ser o seu habitat – aquela planta);

- as plantinhas verdes que tiveram seus galhos arrancados para serem jogados, como comida, para as galinhas que passaram a viver na escola há poucas semanas;
- um garotinho se aproximou de mim e, apontando para outra parte do parque, disse: “veio um vento ali e soprou forte, fazendo voar as folhas secas. era o saci”; dali em diante fomos procurar o saci atrás de árvores e brinquedos, enquanto as crianças diziam que ele tava preso dentro de potes e que, quando abertos, víamos o saci dormindo dentro...

Para além das variadas relações e conexões que as crianças produzem entre seus corpos e a heterogeneidade de vida que povoa o parque, saí dali com vontade de gravar as falas das crianças durante estes encontros com estas vidas não humanas de tantas naturezas (minerais, vegetais, animais...) e sobrenaturezas (seres encantados, estórias, imaginação...). estas falas, mesmo que incompreensíveis em suas palavras (ou, talvez, justo por isso!), nos colocariam em contato com as sensações que atravessam seus corpos quando vivenciam estes encontros inusitados?
(relato de 30 de maio de 2023)

Neste relato aparecem muitas alianças entre crianças e vidas não humanas promovidas pelo desemparedamento, culminando numa pergunta para o cinema: as práticas cinematográficas seriam potentes para promover (e tornar sensíveis) encontros entre o invisível das sensações sentidas pelas crianças e o visível (e audível) de um filme?

Apostamos que sim. Apostamos também que podemos inventar estas práticas cinematográficas a partir das experimentações que temos realizado nas escolas. Experimentações que buscam traduzir em gestos cinematográficos, em dispositivos de criação de imagens e sons os gestos das próprias crianças, uma vez que elas estão sempre experimentando o seu entorno como que pela primeira vez, em conexões e alianças frescas que, justamente por isso, produzem gestos irrepetíveis, como aponta o fragmento de relato a seguir.

(...)
dali fomos para o pátio interno onde as alegrias das crianças se fazem, sobretudo, com as “alianças” entre cada uma delas e um brinquedo: uma motoquinha, uma bola, um escorregador, aqueles brinquedinhos (fixados na parede) de rodar, abrir e fechar com as mãos. brinquedos prontos, acionadores de gestos conhecidos, previstos. mas não é bem assim... pois em suas “alianças” com estes brinquedos as crianças inventam outros gestos: andam para trás nas motoquinhas, gostam de joguemos as bolas sobre suas cabeças, querem colocar

mais de uma mão para rodar, abrir e fechar os brinquedinhos, buscam subir na rampa do escorregador de baixo pra cima, de lado...

logo se nota que algumas crianças fazem “alianças brincantes” com coisas como bancos, bebedouros, paredes, chão e portas de armários, de modo que essas coisas se tornem brinquedos em que os gestos não estão previstos, sendo inventados ali, no corpo a corpo que cada criança realiza com eles. elas estão ali fazendo experimentações com seus corpos e também com os corpos daquelas coisas transformadas em brinquedo. ou melhor, será que poderíamos dizer que o brinquedo são as próprias experimentações? poderíamos dizer que brincar é experimentar algo novo? seja uma coisa ou um gesto? ou ambos, pois um aciona-descobre-conecta o outro? estas “alianças brincantes” se radicalizaram quando saímos do pátio interno e fomos para o solário da sala, onde, para além dos “brinquedos prontos” havia outras coisas que rapidamente acionavam experimentações-descobertas-conexões. duas me chamaram mais a atenção:

1. a mureta que separa o solário do parque de areia – ela é baixa o suficiente para que eles possam ver do “lado de lá” e estabelecer relações com este “outro lado” (relações que incluem, muitas vezes, lançar algum “brinquedo pronto” para o “lado de lá”, fazendo com que, a meu ver, seja a relação com a mureta o “verdadeiro brinquedo”).

2. qualquer folha da árvore que caia no solário – rapidamente alguma criança reparava nela e a tomava nas mãos, algumas ficavam olhando para ela, tocando levemente (normalmente meninas), outras já as pegavam e amassavam ou jogavam para o “lado de lá” da mureta (normalmente meninos), e outras ainda inventaram outras conexões para alguma folha caída ali: carga a ser transportada por um caminhãozinho (uma menina ia juntando várias folhas e colocando ali), objeto a ser empurrado com as mãos ou os pés...

em ambos “brinquedos inventados” os gestos das crianças não podem ser totalmente previstos, pois as “alianças” estão sendo inventadas ali, no inusitado do encontro com cada uma folha (sempre iguais e diferentes uma da outra) e no inusitado do desejo provocado pelo “lado de lá” (ao mesmo tempo visível e invisível devido à mureta baixa e à árvore alta).

a exemplo de alguns cineastas contemporâneos seria bem interessante conseguir filmar estes gestos – irrepetíveis!? – que são inventados pelas crianças quando criam estas “alianças brincantes” que acionam estes gestos.

(fragmento do relato de 14 de agosto de 2023)

Ao reparar nas muitas experimentações e alianças provisórias que as crianças fazem com tudo o que encontram em seu entorno, decidimos por apostar na potência do cinema para criar um comum e uma comunidade entre vidas humanas

e não humanas que inclua as crianças desde o primeiro momento, considerando que os dispositivos serão inventados a partir dos modos de interação delas com seu entorno no lugar-escola em que habitam, focando nas interações – nas alianças! – que elas criam com as plantas, com os brinquedos prontos, com a água, com o chão.

Buscamos assim nos abirmos para um devir-criança do cinema, que é também uma aposta no devir-criança das pessoas adultas, devir como aquilo que implica em experimentações e alianças provisórias.

Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam. A questão: “o que você[^] devém?” é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém devém, o que ele devém muda tanto quanto ele próprio (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 3).

Não é possível, portanto, prever para onde estão devindo – o cinema e os adultos, uma vez que “[a] direção do devir é sempre a da minoria, não em sentido numérico, mas em sentido do não instituído, daquilo que escapa, que foge ao cânone” (GALLO, 2012, p. 68). A criança, enquanto minoria, passa a imiscuir-se com mais força naquilo que se produz nos encontros entre cinema e vidas vegetais realizados através de um dispositivo inventado, pelas pessoas adultas envolvidas nesta pesquisa, a partir dos gestos imprevisíveis que cada criança cria em suas relações com estas vidas não humanas.

Ainda que em tateio, apostamos também que o devir-criança se enseja e fortalece o devir-mulher das educadoras que, nos acolhendo nas escolas, tornam esta pesquisa possível; o que promove as práticas deste fazer-cinema a uma oportunidade brincante de sensibilizar(-se) sem que decaíamos no ideal antropocêntrico, patriarcal e higienista da mulher dócil.

A cereja do bolo é que o devir-mulher pode facilitar o despertar da criança para quem tem dificuldade de se relacionar diretamente com sua criança por ter aprendido muito cedo a seriedade, pensada por Nietzsche como traço específico do ideal ascético. (GAUTHIER, 2018, p. 152).

Lembrando que devir é habitar uma zona de vizinhança e metamorfose (DELEUZE, 2008), finalizamos este artigo com a apresentação do “super” dispositivo de criação de imagens inventado por nós para intensificar as vizinhanças e metamorfoses ao fazer

cinema com as vidas não humanas destes dois lugares-escola¹³, promovendo devires-planta, devires-imagem e, sobretudo, devires criança, inclusive nos adultos.

0. Iniciar com a leitura – coletiva no TDC e HFAM – de alguns trechos dos ensaios “Uma árvore já é um rizoma” e “Perceber-fazer floresta”, de Susana Dias;

1. cada turma deverá escolher uma planta qualquer (de preferência uma árvore) que esteja na escola (ou em seu entorno próximo, que permita ir até ela em grupo);

2. será COM esta planta-árvore que cada turma fará uma “aliança cinematográfica” (usar as imagens e sons do cinema para reparar NA planta-árvore e reparar AS relações entre ela e seu entorno);

3. fazer uma aliança COM uma planta-árvore é evitar falar SOBRE a planta-árvore e estar atento ao que a própria planta-árvore propõe para o cinema;

4. ficar um tempo – alguns poucos minutos – com cada criança da turma próximo da planta-árvore somente dizendo algo do tipo “olhe-ouça-toque esta planta-árvore”, deixando que cada uma delas se relacione com a planta-árvore à sua maneira, a partir daquilo que a própria planta-árvore lhe afete (é importante acionar também os ouvidos, pois mesmo que uma planta-árvore não produza seus “próprios sons” ela aciona sonoridades ao promover relações com o vento, com pássaros e outros animais, com...) (talvez fotografar ou gravar aquilo que afetou cada criança);

5. a partir desses “encontros de afetos” propor diferentes dispositivos para que adultos e crianças possam realizar pequenas filmagens e captações de sons relativos a esta planta-árvore (exemplo: se alguma criança abraçou a planta-árvore inventar um dispositivo de filmagem que busque realizar esse abraço com imagens; se alguma criança olhou pra cima... se alguma criança aproximou os olhos do tronco-folha-flor-bichinho-musgo-umidade...; se alguma criança apontou para um pássaro-inseto que estava pousado ali...; se alguma criança mostrou um brilho que aparecia e desaparecia...; se apontou para uma teia de aranha sustentada na planta-árvore ou para as muitas cores que se distribuem sobre um tronco ou pétala; se sentou sobre as raízes ou se pegou um graveto, semente ou folha seca no chão ou se acompanhou uma formiga que se enfiava no solo próximo da planta-árvore ou se...);

6. realizar vários tipos de filmagens e captações de sons COM esta planta-árvore ao longo de duas semanas e em vários horários do dia;

13. Importante salientar como esta é uma proposta que visa criar práticas educativas com o cinema, experimentações que podem ser partilhadas com outras escolas e profissionais, tendo em vista apontar como uma prática cinematográfica (produzir filmagens) pode levar à criação de outros tipos de atenção, interação e alianças entre as crianças e as vidas não humanas que povoam os seus entornos escolares.

7. montar tudo junto e assistir junto com as crianças na sala de aula, reparando nos gestos, silêncios, murmúrios e palavras delas diante de cada cena;
8. selecionar aquelas cenas que mais mobilizaram as crianças para pensarmos na montagem de um filme COM aquela planta-árvore e COM as crianças.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. J. de. O corpo, a aula, a disciplina, a ciência. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, n. 21, 1998.
- AMARAL, S. R. F.; GUARI, M. A.; OLIVEIRA JR, W. M. Coisas inventadas: montagem e edição em um cineclubes escolar. **Revista Digital do LAV**, 14 (1), 2021, p. 197–219.
- BARROS, M. I. A. (Org.). **Desemparedamento da infância**: a escola como lugar de encontro com a natureza. Rio de Janeiro, Instituto Alana, 2018.
- BARROS, M. I. A. (Org.). **Quintais brincantes**: sobrevoos por vivências educativas brasileiras. Rio de Janeiro, Instituto Alana, 2022.
- COSTA, L. B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, maio/ago. 2014.
- DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 2008.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELIGNY, F. **O Aracniano** e outros textos. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- DIAS, S. Uma árvore já é um rizoma: Antropoceno, clima e vida multiespécie. **Revista Incomunidade**, out. 2021. Disponível em: <https://www.incomunidade.pt/uma-arvore-ja-e-um-rizoma-antropoceno-clima-e-vida-multiespecie-susana-oliveira-dias/>.
- DIAS, S. Perceber-fazer floresta. **ClimaCom Cultura Científica** – pesquisa, jornalismo e arte, ano 7, n. 17, junho de 2020. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2020/06/A5-1.pdf>.
- DUARTE JR, J. F. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. Curitiba, Criar Edições, 2000.
- ESCÓSSIA, L.; KASTRUP, V.; PASSOS, E. **Pistas do Método da Cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Meridional, 2015.
- FÓRUM NICARÁGUA (MIGLIORIN, Cezar; GARCIA, Luiz; PIPANO, Isaac; RESENDE, Douglas). A Pedagogia do Dispositivo: Pistas para Criação com Imagens. In: LEITE, Cesar; OMELCZUK, Fernanda; REZENDE, Luiz A. (Org.). **Cinema-Educação**: políticas e poéticas. Macaé: Editora NUPEM, 2021.
- GALLO, S. Educação, devir e acontecimento: para além da utopia formativa. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 26, n. especial, p. 41-72, 2012.
- GAUTHIER, J. O devir-criança, a polaridade mulher-homem e a cultura na formação de educadores/as no contexto da diversidade. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 19, n. 39, p. 146-166, jan./abr. 2018.
- GIRARDI, G. Cartografias (in/im)possíveis: O Ilha. **Punto Sur**, Revista de Geografia de la UBA, v. 1, p. 64-74, 2020.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Porvires não humanos do cinema no lugar-escola de educação infantil: entre...

- GUIMARÃES, C. O que é uma comunidade de cinema? **Revista EcoPós**, v. 18, n. 1. p. 44-56, 2015.
- MASSEY, D. **Pelo espaço – uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MIGLIORIN, C. **Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.
- MIGLIORIN, C. *et al.* **Cadernos do Inventar** – cinema, educação e direitos humanos. Secretaria de Direitos Humanos-Ministério da Justiça/Universidade Federal Fluminense, 2014. Disponíveis em: https://www.academia.edu/30703627/Cadernos_do_Inventar_com_Diferen%C3%A7a.
- MIGLIORIN, C.; PIPANO, I. **Cinema de brincar**. Belo Horizonte, Relicário, 2019.
- OLIVEIRA JR, W. M., *et al.* **Cadernos de dispositivos de cinema na educação infantil** /Projeto “Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas”. Campinas: Programa Cinema e Educação/Secretaria Municipal de Educação, 2022. Disponível em: https://educa.campinas.sp.gov.br/sites/educa.campinas.sp.gov.br/files/2022-05/EBOOK_Cadernos%20de%20dispositivos%20de%20cinema%20na%20EI_Folhas%20Individuais.pdf.
- VALERIO, V. G. A; SILVA, M. R. P. As interações e o brincar na e com a natureza: construindo uma infância desemparedada na creche. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 10, n. 3, 2021, p. 407-423. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/10205/4811>.

SOBRE OS AUTORES

Wenceslao Machado de Oliveira Junior possui graduação em Geografia e Doutorado em Educação. É professor titular na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte e pesquisador do Laboratório de Estudos Audiovisuais OLHO, ambos da Faculdade de Educação/Unicamp. Realizou Pós-doutorado no Departamento de Geografia da Universidade do Minho/Portugal. Desde 2016 participa do projeto Dispositivos de criação e a experiência do cinema na escola de educação básica do município de Campinas e, desde 2018, coordena, em escolas dessa rede de ensino, o projeto Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas – do espaço às filmagens, das filmagens ao espaço. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8640-4756>.

E-mail: wenceslao.oliveira@gmail.com.

Gabriela Fiorin Rigotti é Doutora em Educação (2013), Mestre em Educação (2006) e Pedagoga (2002), todos pela Universidade Estadual de Campinas (FE/Unicamp). Atualmente trabalha como Coordenadora Pedagógica pela Secretaria Municipal de Educação de Campinas, integrando o Programa “Cinema e Educação”. Trabalha também como Coordenadora de Pós-Graduação e como docente adjunta

na área de Educação na FIMI-Mogi Guaçu/SP. Estuda as relações entre educação, comunicação, arte e cultura com ênfase em: educação superior, permanente e profissional; educação, arte e cultura – imaginário e criações em fotografia, cinema e literatura; igualdade de gênero e empoderamento feminino.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1964-1601>.

E-mail: gabi.frigotti@gmail.com.

Recebido em 14 de fevereiro de 2024 e aprovado em 04 de abril de 2024.